



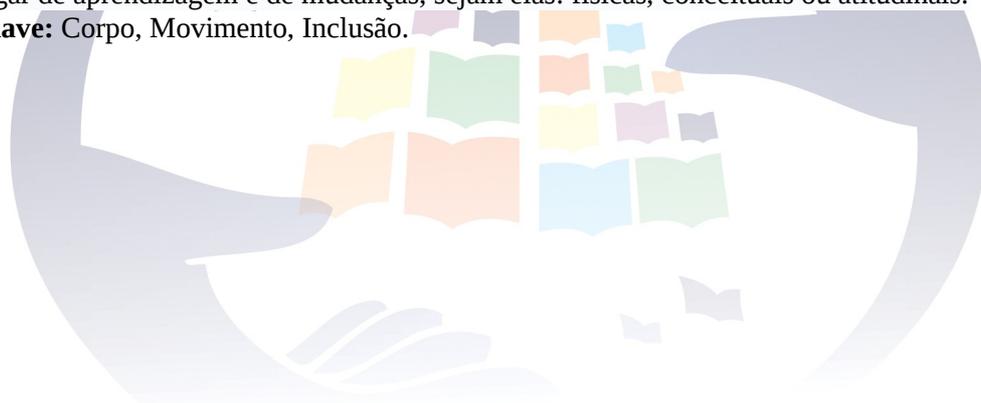
PERCEPÇÃO DO CORPO: TRANSFORMAÇÕES E VIVÊNCIAS

Francinete Marcolino da Silva Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- francineta@ufrrn.br

O presente trabalho intitulado “Percepção do corpo: transformações e vivências” é um relato dos estudos e experiências do corpo na disciplina SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS II, oferecida pelo programa de Pós-graduação em Educação da UFRN- Universidade Federal do Rio grande do Norte, campus central e ministrada por docentes doutores vinculados ao programa de pós-graduação desta instituição. No decorrer das aulas, os embasamentos teóricos culminaram com as vivências corporais que desencadeavam as discussões e reflexões acerca do corpo não apenas como estrutura física, e sim como um corpo completo, que passa por transformações constantes e que não está separado do ser. Para compreender este corpo foi realizado o estudo com alguns teóricos, destaque entre eles Courtine (2008), com o estudo sobre as mutações do olhar; Goffman (1988), o sentido que é dado ao estigma, uma análise com os sentidos; Bakhtin (1987), o corpo grotesco e as fontes populares de Rabelais e Merleau-Ponty (1999), concepção fenomenológica de corpo e de aprendizagem. As aulas foram teóricas e práticas, trazendo a cada indivíduo uma reflexão sobre o seu corpo e o do outro. As vivências trouxeram uma percepção sobre o corpo que é movimento, desconstruindo concepções já formadas e trazendo um olhar diferente, olhar este de transformação constante de pensamento e atitudes, olhar de dentro para fora, olhar sem estigma, olhar para a aprendizagem. Fazer parte deste movimento é tornar o corpo essencial para as experiências de aprendizagem, sendo ele lugar de aprendizagem e de mudanças, sejam elas: físicas, conceituais ou atitudinais.

Palavras-chave: Corpo, Movimento, Inclusão.





II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB





II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB



PERCEPÇÃO DO CORPO: TRANSFORMAÇÕES E VIVÊNCIAS

Francinete Marcolino da Silva Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- francinetelima@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências produzidas durante o estudo na disciplina, *Seminário Educação de Pessoas com Necessidades Especiais II*, ofertada durante o primeiro semestre de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ministrada pelos professores vinculados ao programa de pós-graduação, todos com titulação de doutores. Busca-se enfatizar a relação entre Corpo e Inclusão a partir dos estudos e das práticas da disciplina supramencionada, frisando a movimentação de nossa percepção nos últimos seis meses¹.

Antes dos estudos na disciplina, era de nosso conhecimento a importância da reflexão sobre o corpo para a inclusão de pessoas com necessidades especiais, dadas a especialização nessa área de estudo e a atividade docente com esse público estudantil. No entanto, a nossa percepção era ainda assim muito estática: o aspecto biológico parecia se sobrepujar às emoções, à cultura, à atividade cognitiva e sua interação social. As relações espaciais eram percebidas por nós a partir do olhar, e não do tronco corporal, o que dificultava a compreensão dos aspectos múltiplos e das relações integrantes do corpo enquanto um objeto de estudo complexo².

Na medida em que nos debruçamos sobre os estudos propostos, começamos a perceber como a movimentação é intrínseca ao corpo, como constitui o seu “ser”; e ao passo que víamos mentalmente corpos se movendo e compreendíamos a movimentação desse Outro e reconhecíamos o seu direito a se movimentar, uma mudança na nossa percepção também se transcorria; mudanças de cunho social, porquanto as pessoas com

¹ Empregamos “percepção”, e não “olhar”, por dois motivos: primeiro, por coerência com a bibliografia da Disciplina, que contempla estudos de cunho histórico e social (Bakhtin), bem como de cunho fenomenológico (Ponty). Segundo, porque muitas das pessoas com necessidades educacionais especiais apresentam dificuldades relacionadas à visão, com deficiência visual, de modo que o emprego de termo diverso constitui também uma forma de inclusão deles.

² Sobre o papel do corpo, notadamente do tronco corporal, nas relações pessoais, espaciais e culturais, ver o estudo do proeminente geógrafo sino-americano: TUAN, 1983, especialmente os capítulos “Espaço, Lugar e a Criança”, “Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais” e “Espaço Mítico e Lugar.

necessidades especiais, não obstante a limitação física em cada qual existente, têm na movimentação um fundamento; e de cunho pessoal, porquanto passamos a conceber o corpo de forma distinta, não mais um corpo estático, e sim um corpo-movimento.

É essa dupla movimentação que nos ocupa no relato constituinte do presente trabalho. Para tornar mais clara a caracterização e as condições de possibilidade dela, escolhemos dividi-la em dois momentos de exposição. No primeiro, relataremos o nosso contato com a bibliografia discutida ao longo da disciplina. No segundo, evidenciaremos as dinâmicas e práticas desenvolvidas na disciplina.

O estudo sobre o corpo

Todas as pessoas têm um corpo. O corpo é chamado de “humano” por ser comum a espécie; nele estão incluídos todos os falecidos e todos os neonatos, independente da necessidade especial de que qualquer um possa vir a ser assistido. Com efeito, todas as pessoas têm um tronco corporal; esse tronco é fisicamente e socialmente o que garante sermos todos humanos.

Por isso, o corpo é um objeto complexo e o estudo sobre ele é de grande relevância para a humanidade, para a compreensão do que somos. Assim foi que durante décadas, várias concepções e abordagens teóricas foram sistematizadas para o compreendermos, como as presentes na bibliografia da disciplina.

No livro “História do corpo” Courtine (2008), o volume 3 aborda o século XX com as diferentes mutações do olhar sobre o corpo, na parte III fala das relações entre o corpo normal e o anormal, a exibição do anormal como espetáculo. Ao visualizar algumas imagens, podemos constatar a exposição do corpo com diversas abordagens, por exemplo, ao ver a exibição da criança unida pelo mesmo tronco, entre outras, expondo às pessoas que tinham alguma deficiência a exibição pública.

Observando estas imagens e o olhar que temos com o corpo, analisamos as mudanças históricas e de concepções que é dado a este corpo. O que seria um corpo estigmatizado e como transformar em aspecto positivo e de aprendizagem?

De acordo com Goffman (1988), para se entender o significado da palavra estigma é necessário compreender o conceito de identidade virtual e identidade real dos indivíduos. O primeiro conceito, identidade virtual, corresponde às expectativas

normativas criadas através da maior probabilidade de ser encontradas determinadas características em um indivíduo através de um determinado ambiente social. Já o segundo conceito, identidade real, corresponde às verdadeiras características encontradas nos indivíduos. Assim, quando existem discrepâncias entre a identidade virtual e a identidade real, de modo negativo, surge o estigma.

O autor demonstra o importantíssimo papel dos estigmatizados na aceitação e conhecimento da sua condição especial. A dificuldade que os sujeitos passam na sociedade por serem vistos como diferentes, faz com que quando encontram os seus pares identificam no outro o seu “eu” e deixam de serem os únicos. Nesse olhar que Goffman (1988), desenvolve os principais temas relacionados com o estigma na sociedade.

Outro aspecto a ser observado neste estudo é o conceito do corpo grotesco e para compreender o que seria o grotesco, discorremos sobre os estudos de Bakhtin.

O corpo grotesco é um corpo em movimento. Ele jamais está pronto nem acabado: está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele [...]. Por isso o papel essencial é entregue no corpo grotesco àquelas partes, e lugares, onde se ultrapassa, atravessa os seus próprios limites, põe em campo um outro (ou segundo) corpo (BAKHTIN, 2010a, p. 277).’

O conceito de grotesco de Bakhtin reduz os aspectos opressivos da vida oficial para a realidade, o corpo coletivo para a vivência corporal, sendo o corpo grotesco, um corpo em movimento.

Todo processo passa pelo corpo, não só a artes e a educação física, o corpo reinventa a prática. O corpo grotesco caracteriza um fenômeno em permanente transformação. O realismo grotesco, dinâmica do ciclo- Vida- Morte- Renascimento. Bakhtin reconhece no grotesco um fenômeno que vê a realidade concreta e imediata como via para liberdade.

Bakhtin (1987), ao estudar as fontes populares de François Rabelais, retrata a praça pública e o riso popular; as formas carnavalescas da vida, o carnaval articula vida

e arte. As pessoas não assistem, vivem. As obras cômicas verbais, quando a literatura festiva é vinculada ao próprio contexto carnavalesco.

O realismo grotesco, o princípio material e corporal é universal e popular, opõe-se a separação das raízes materiais e corporais do mundo.

O ser humano é completo, não somos apenas um corpo físico, mas os aspectos biológicos e psicológicos marcam este corpo. Nas palavras de Dias (2012, p.16):

O ser humano, ao longo do tempo e em diferentes espaços da Terra, vem produzindo seu conhecimento sobre o mundo, buscando sempre se colocar como sujeito desse conhecimento. Isso, a princípio, garante-nos a relevância de considerarmos a história do indivíduo na sua construção e inter-relações entre os saberes humanos, construindo uma rede de saberes que, por sua vez, cria o espaço da sua existência.

Para Merleau-Ponty (1994), a abordagem fenomenológica considera a relação com o espaço e com o tempo como dimensões indissociáveis da corporeidade e da motricidade, são complementares. Estamos falando de algo, corpo, que não é padrão. O corpo é o que sou e não o que tenho, por isso é lugar de aprendizagem.

Consideramos a imagem corporal, a imagem do corpo visto em três dimensões: a imagem de nós mesmos, imagem que o outro tem de mim e a imagem que acha que o outro tem dele.

As leituras nos fazem comprovar que a história do ser humano se faz a partir da história do seu corpo e das suas experiências vividas, que o corpo e as experiências dele decorrentes são repletos de movimentação.

A trajetória das vivências

Ao olharmos para o espelho, nos deparamos com um corpo físico e suas marcas próprias, nos permitindo olhar constantemente e o modificarmos, na medida em que vamos tendo concepção da importância deste na nossa vida. Sobre este corpo que não é só físico, mas que traz consigo um interior responsável por nossas ações e limitações,

irei discorrer algumas considerações partindo das práticas e experiências vivenciadas durante as aulas.

Iniciamos com a vivência do corpo em movimento. Relato a primeira conduzida pela professora do programa de pós-graduação, que através de comandos nos fez percorrer sobre toda a sala, proporcionando olhares diferentes sobre o meu corpo e o do outro. No momento passamos por experiências ímpares como: perceber o lugar que o corpo ocupa; tocar no outro utilizando de várias partes do corpo, não somente com as mãos como é comum entre as pessoas; expressarem-se por gestos, sentimentos inerentes ao ser humano (caretas, alegria, tristeza), entre outros movimentos como parar, seguir. Em discussão em grupo sobre o momento, ficou visível a experiência de cada um e que vamos produzindo e modificando a nossa percepção a partir do que vivemos. O corpo é movimento.

Ao fazermos as leituras, entendemos que a percepção sobre o corpo é presente deste os séculos passados e que ela depende de como concebemos e compreendemos o mundo que o cerca. Trazer a experiência do que seja o corpo “perfeito”, e quem concebe esta teoria do que é perfeito? Fazemos uma experiência pessoal que a perfeição parte de um olhar singular, o que para nós pode ser perfeito, não é para o outro. Então, a perfeição muitas vezes é o que a sociedade impõe, ou o que a maioria compreende sobre isso.

A partir do que trazemos como perfeito, como deveria ser, concebemos o outro com as marcas estigmatizadas e quando algo foge do que é posto como normal, o que vemos é a marca (cicatriz) e não o ser. Por exemplo, se uma pessoa usa cadeira de rodas, ao se referir a ela para alguém, é usado como característica a cadeira. Os estudos sobre estigma trouxeram um sentido diferente, os exemplos nos fizeram refletir sobre a nossa prática profissional e nossas atitudes diante do outro e como mediadores capazes de transformar a realidade.

Outra vivência, é a existência do corpo tendo o olhar a partir do plano baixo, médio e alto. Ocupar espaços vazios e com o corpo formar objetos individuais e em grupo (uma cadeira, árvore). Perceber que existem as dimensões da percepção e tudo parte do ângulo que vemos. E, mesmo visualizando o corpo do outro e como cada um representa o objeto, percebemos que mudamos o nosso olhar e o corpo passa a ser lugar de aprendizagem. Importante ainda perceber que esta vivência possibilitou uma

construção cognitiva antes do fazer, e dependendo do que trago de concepção é a maneira que represento algo. Também consideramos importante relatar que passamos por a experiência do olhar e da identidade: o professor que fez a mediação, ao solicitar que se organizasse em círculo e ao passar a bola (bola imaginária) e dizer o nome do outro que iria receber trouxe em mim outras percepções, passamos por momentos de conflitos e reconstrução, trabalhando a atenção, a identidade, o movimento.

No decorrer das aulas, foi possível traçar um norte, a consciência de que somos diferentes e que nossas diferenças nos humanizam. Uma das vivências mais difíceis foi ficar com os olhos vendados, fiquei estável, com medo dos movimentos, quantas indagações foram possíveis naquele instante, será que vou cair? Bater? Mesmo sabendo que tinham pessoas orientando os movimentos, a insegurança tomou conta. De repente pudemos refletir sobre os nossos sentidos, a importância de cada um se colocar diante do outro que apresenta a falta de algum deles. Quando passamos pela experiência nos tornamos melhores porque percebemos que todos podem e devem ser incluídos, não é a falta de algo que nos torna melhor ou pior, mas o sentido que atribuímos a cada coisa.

Nessa trajetória de experiência, concluímos com a vivência baseada na concepção de fenomenologia do corpo abordada por Merleau-Ponty que nos trouxe a importância deste estudo. Subir na cadeira, abrir os braços, o equilíbrio do corpo, discutir sobre a imagem corporal e como nos comunicamos com o outro. Ao subirmos no plano mais elevado, nos deparamos com outros olhares que não tínhamos antes percebido. É concordar que o corpo não é padrão, fazemos movimentos diferentes, mesmo que tenhamos comandos iguais, ou seja, a forma que executo algo diferencia de como o outro faz.

Considerações finais

Ao longo de seis meses cursando a disciplina *Seminário Educação de Pessoas com Necessidades Especiais II*, aprendemos que corpo é movimento e isso culminou na movimentação de nossa própria percepção. De fato, por meio da leitura da bibliografia disponível e das vivências, percebemos que lugar o corpo ocupa; que o estudo sobre o corpo existe há séculos, o que reitera a sua importância; que o corpo enquanto movimento é lugar de aprendizagem; que todos podem ser incluídos; que sempre há o

que aprender, há sempre elementos a serem percebidos, bastando muitas vezes termos abertura à mudança e observamos a partir de ângulo diverso.

Passar por as experiências foi essencial para a compreensão do corpo e das Pessoas com necessidades educacionais especiais hoje, principalmente. A compreensão do que é a pedagogia do movimento, entender que em alguns momentos somos protagonistas e em outros as espectadoras, a experiência anterior é fundamental para organizar a experiência presente.

Entendemos que os estudos não terminam aqui e que esta disciplina foi o início para outros estudos, porque a inclusão das pessoas no contexto escolar e social é primordial, de modo a entendermos que cada indivíduo tem um corpo histórico, um corpo de aprendizagem e mudanças nos trás um olhar diferente.

Falar sobre a inclusão da pessoa que tem deficiência requer romper barreiras, acreditar que é um ser dotado de potencial para aprender e desenvolver, desconstruindo os estigmas e preconceitos. Com base no estudo essa compreensão tornou-se mais clara. Esperamos que com este trabalho tenhamos contribuído para essa finalidade também.

Referências bibliográficas

COURTINE, Jean Jacques. *História do corpo: as mutações do olhar*. O século XX. Vol III. Petrópolis, Vozes, 2008.

CURTÚ, Anamaria Brandi. *Relações sociais entre as pessoas com e sem deficiência: contribuições da Filosofia Contemporânea na apreensão de sentidos*. In: Conflitos, Direitos e Diversidade: I Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência, 2013, São Paulo. SEDPcD/Diversitas/USP Legal, 2013. V. 01. P. 01-13.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais/ Mikhail Bakhtin*; tradução de Yara Frateschi Vieira- São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

DIAS, Maria Aparecida. *O corpo na pedagogia Freinet*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

MAGALHÃES, R. C. B. P.; CARDOSO, Ana Paulo Lima Barbosa. *A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade*. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 40, p. 45-64, 2010.

MAURICE, Merleau-Ponty. *Fenomenologia da percepção*. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]- 2 ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SIQUEIRA, R. C.; CARDOSO JR, H. R. *Discussão conceitual de estigma referindo-se ao conceito fundador de Erving Goffman e autores que desenvolveram suas ideias a partir dele*. Departamento de História- Universidade Estadual Paulista- Unesp- Faculdade de Ciências e Letras de Assis- Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. 2011.

TUAN, Yi- Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: educ, 2000.